

Saberes do taboal: fotoetnografia com artesãs e artesãos quilombolas

Knowledge from the *taboal*: photoethnography
with quilombola artisans

Saberes del *taboal*: fotoetnografía con
artesananas y artesanos quilombolas

Leonardo da Silva Vidal

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.19995>

PROA

revista de antropologia e arte

ensaios volume 15 | e025008

Saberes do taboal: fotoetnografia com artesãs e artesãos quilombolas

Leonardo da Silva Vidal

 <https://orcid.org/0000-0002-9928-8651>

> leonardov@id.uff.br

Doutorando em Antropologia
Universidade Federal Fluminense

Cortar as fibras de taboa no taboal, ou seja, no brejo, é a primeira parte do processo de produção dos artesanatos comercializados no Quilombo Campinho da Independência, em Paraty, sul do estado do Rio de Janeiro. É uma etapa que envolve conhecimentos e técnicas de uso desse recurso natural, as quais são constituintes do modo de vida da comunidade. Para além desse conhecimento de produção (Appadurai, 2009), o taboal é uma arena privilegiada para a compreensão de conflitos entre artesãos e pesquisadores a respeito do manejo da taboa.

Existe um processo sistemático de marginalização de certos tipos de conhecimento, frequentemente desqualificados por uma hierarquização que não apenas silencia saberes, mas também legitima uma estrutura de poder que perpetua o domínio do discurso científico sobre outras formas de conhecimento (Foucault, 1988). Esta situação é vivenciada por artesãs e artesãos da comunidade, que expressam seu descontentamento com pesquisadores e acadêmicos que buscam impor uma forma de manejar esse recurso natural, desvalorizando e recusando os seus conhecimentos sobre o manejo da taboa. Para garantir o respeito aos diversos modos de vida, especialmente os modos de vida quilombola, é fundamental promover uma confluência entre diferentes saberes (Santos, 2018, 2019).

Os registros são apresentados por meio de fotografias sequenciais, destacando o processo de cortar a taboa. Abrir o caminho com as foices, cortar as fibras, retirar os miolos, estalar, organizar em feixes e carregá-los para a carretinha. Durante esse processo, é preciso saber quais taboas podem ser cortadas para garantir novas fibras ao retornar, assim como a maneira correta de cortar a taboa; a forma de estalar e outros conhecimentos sobre o manejo antes e após os cortes, especialmente o nível das águas no brejo e a secagem das fibras. Esses conhecimentos são transmitidos através das gerações, por meio da produção dos artesanatos.

Saberes do taboal é um ensaio fotoetnográfico (Achutti, 1997) realizado em 2023, a partir do convite de artesãs e artesãos para *conhecer o artesanato de verdade* e seus conhecimentos, durante trabalho de campo etnográfico no Quilombo do Campinho. É um ensaio resultante de pedidos para a produção de material audiovisual que pudesse valorizar esse trabalho, ou seja, resulta de um alinhamento e um compromisso ético e político com o grupo (Hale, 2006). Busco, portanto, por meio do registro de uma manhã de trabalho no corte da taboa, me somar às lutas em defesa de seus modos de vida, possibilitando a confluência entre o saber antropológico e o saber das artesãs e artesãos quilombolas.



Fotografia 1 – A entrada no brejo é feita por meio da limpeza do caminho até que se chegue nas taboas, mais localizadas a partir do meio do brejo em diante. Apesar de não ser comum a todos os núcleos familiares, há uma divisão sexual do trabalho. A ação de cortar e carregar a taboa é dos homens e as mulheres ficam responsáveis por estalar e organizar os feixes.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 2 – Seu Hermes verificando a taboa correta para retirar e o ponto correto para fazer o corte, pois ainda há outras folhas no caminho. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 3 – Seu Paulo retirando outras folhas do caminho para conseguir cortar as taboas de uma melhor forma. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 4 – Após o corte das primeiras taboas, Dona Agilsa e Dona Nelba, da esquerda para a direita, retiram o miolo e estalam as fibras. Aqui começa a organização dos feixes pelo caminho que já foi aberto. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 5 – Dona Agilsa retirando o miolo e estalando as taboas. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 6 – Dona Nelba amarrando as taboas com cipó imbé para formar um feixe. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 7 – Dona Nelba
estalando e retirando o
miolo das taboas. Fonte:
Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 8 – Dona Agilsa estalando e tirando o miolo da taboa para organizar mais um feixe.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 9 – Os brejos são terrenos alagadiços de águas rasas, cobertos por vegetação, lama e habitados por animais, como aranhas, cobras e mosquitos. Além de atolar na lama em determinados pontos, há a possibilidade também de picadas durante o processo de cortar taboa. É preciso utilizar equipamentos e roupas adequados a fim de evitar esses acidentes, como a bota nesta imagem.

Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 10 – Os feixes de taboa são amarrados e deixados para trás, assim não atrapalham os novos caminhos que são abertos para cortar novas fibras da mesma forma que facilita seu deslocamento, visto que são pesados. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 11 – Detalhe da amarração de um feixe de taboa com cipó imbé.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 12 – Detalhe das fibras de taboa sem os miolos. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



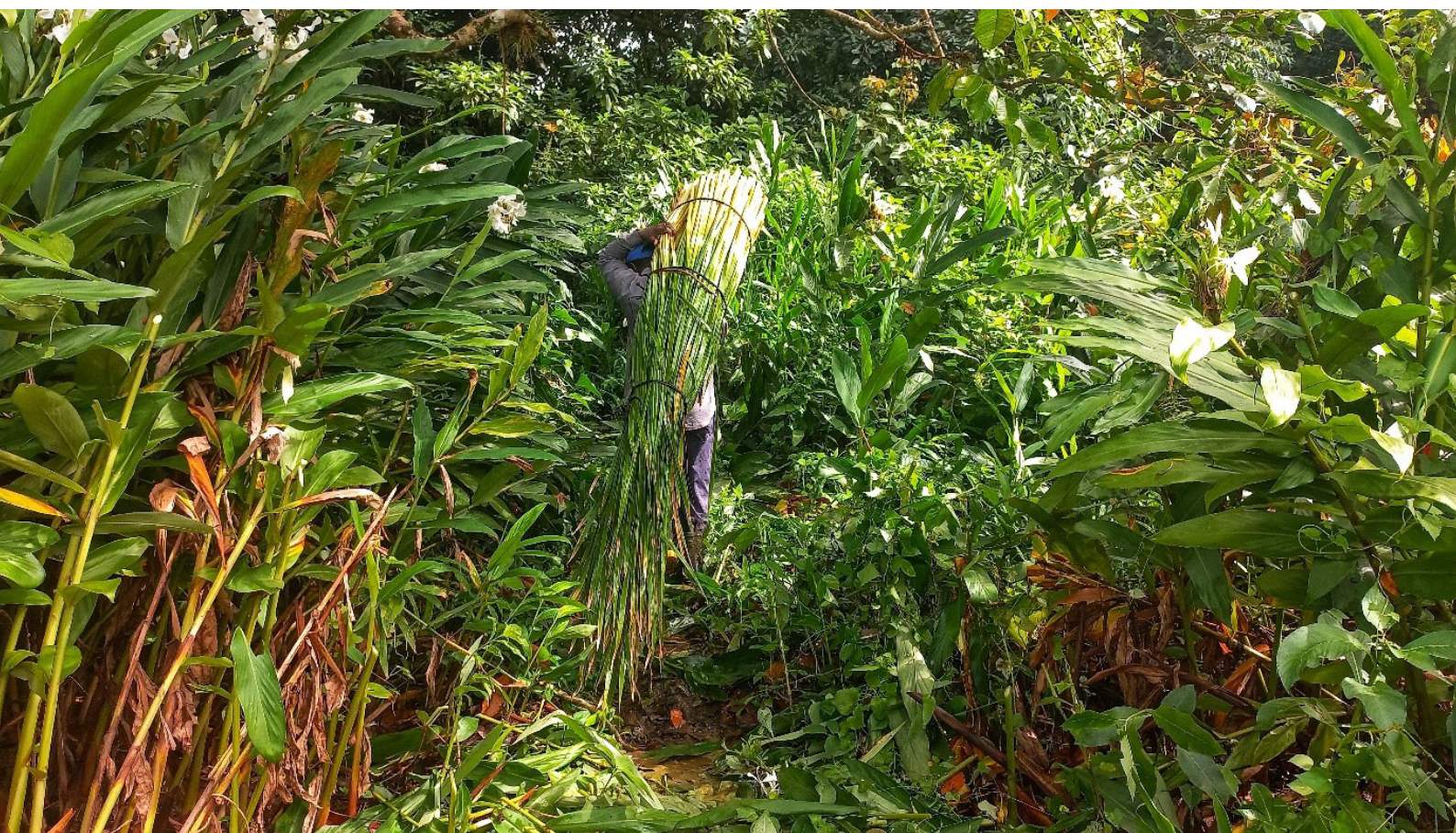
Fotografia 13 – Seu Hermes observando outros lugares a fim de conferir o estágio de crescimento de outras fibras localizadas mais ao fundo do brejo, visto que tinham cortado taboa há algum tempo neste local. Acompanhar esse processo é fundamental para garantir a sustentabilidade da atividade. O manejo desse recurso natural é um dos principais conflitos com pesquisadores, sobretudo de áreas do conhecimento relacionadas às ciências ambientais e agronomia. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 14 – Seu Paulo amolando a foice.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 15 – O processo de carregar os feixes foi feito pelos homens ao final da jornada de trabalho. Nesta imagem é possível ver Seu Paulo carregando um feixe de fibras de taboa nas costas até o início do caminho que foi aberto no taboal para organizá-los na carretinha. Carregar os feixes também é uma tarefa realizada pelas mulheres da comunidade, porém não é comum nesses núcleos familiares específicos. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 16 – Seu Paulo carregando um feixe de taboa em direção à entrada aberta no taboal. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 17 – Os feixes, desta vez, foram colocados na carretinha acoplada ao carro de Seu Paulo.
Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 18 – Após o processo de colheita das fibras é preciso colocá-las para secar. O processo de secagem da taboa dura cerca de cinco dias, caso não chova, e se chover pode durar até dez dias. É preciso repetir diariamente a ação de colocar e retirar feixe por feixe no quintal de casa, especialmente onde o sol estiver com maior incidência. A secagem é essencial e depende do clima, pois caso as fibras sejam molhadas pela chuva irão ficar com manchas se colocadas novamente para secar, ou seja, perde-se material. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 19 – Com as fibras da taboa completamente secas, inicia-se o processo de feitura dos artesanatos. Nesta imagem é possível observar Dona Nelba fazendo um cesto com as fibras já trançadas. Ela se utiliza de um balde de plástico como molde e uma agulha para costurar as tranças e dar firmeza ao artesanato. Importante mencionar que trançar, tramar e costurar são ações diferentes no contexto do Quilombo do Campinho. Trançar é fazer trançados com as fibras. Costurar é juntar com o auxílio de uma agulha os trançados já feitos. Tramar é tecer as fibras não trançadas com as mãos. Fonte: Acervo pessoal, 2023.



Fotografia 20 – A galinha de taboa é um dos artesanatos símbolo da comunidade.

Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Financiamento: Pesquisa realizada com financiamento do CNPq, por meio da concessão de bolsa de mestrado. Processo 131053/2021-3. Edital GM GD 2020 - Apoio a Projetos de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.

APPADURAI, Arjun. Mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Eduff, 2008, p. 15-87.

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALE, Charles. Activist v. Indigenous Land Rights and the Contradictions of Politically Engaged Anthropology. **Cultural Anthropology**, v. 21, n. 1, p. 96-120, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o sintético. *In*: OLIVA, Anderson Ribeiro; MARONA, Marjorie Corrêa; FILICE, Renísia Cristina Garcia (Eds.). **Tecendo redes antiracistas**: Africas, Brasis, Portugal. São Paulo: Autêntica, 2019.

Submetido em: 09 set. 2024.
Aprovado em: 27 mar. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Saberes do taboal: fotoetnografia com artesãs e artesãos quilombolas”, de autoria de Leonardo da Silva Vidal, está licenciado sob CC BY 4.0.

